# POUCAS PALAVRAS
# UM ESTUDO DA LINGUAGEM ORAL NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO

Ivete Cardoso do Carmo Roldão
**PUC-Campinas: Professora do curso de Jornalismo**
**ECA/USP: doutoranda em Ciências da Comunicação – Jornalismo**

RESUMO:
Trabalho realizado a partir das premissas básicas de pesquisa, em desenvolvimento, que pretende identificar o padrão de redação da linguagem oral utilizada no telejornalismo e as possibilidades de variações existentes, como é organizado e quais são seus pressupostos básicos. Tem como objeto o *Jornal Nacional* e o compara com o *Jornal da Record* e o *Jornal da Cultura*. Constatações iniciais apontam que nos telejornais em questão pode se observar uma formatação semelhante, mas com estilos distintos; existem diferenças no texto dos editores e dos repórteres; na prática as regras de redação dos manuais não são integralmente seguidas e muitas das palavras empregadas (adjetivos, metáforas e expressões de subjetividade) vêm carregadas de significados, reduzindo assim a objetividade apregoada pelos manuais.

**PALAVRAS-CHAVES: linguagem; linguagem oral; jornalismo; telejornalismo.**

***Apresentação:***

A pesquisa, cujas premissas são apresentadas neste trabalho, pretende identificar o padrão de redação da linguagem oral utilizada no telejornalismo brasileiro e as possibilidades de variações existentes, como ele é organizado e quais são seus pressupostos básicos[ix]. A pesquisa deverá considerar a influência norte-americana existente no Manual de Redação da Rede Globo, supostamente copiado pelas emissoras concorrentes e por outros manuais publicados, tendo como

objeto o *Jornal Nacional*, e compará-lo com outros dois telejornais: o *Jornal da Record* e o *Jornal da Cultura.*

Os três telejornais foram escolhidos para esta análise e comparação, a partir da diferença de estilo constatada a partir da classificação feita por REZENDE (1998 : 154-70), descrita aqui de forma sucinta:

-O Jornal Nacional é basicamente informativo, embora contenha uma pequena dose de opinião.

-O Jornal da Record é considerado opinativo e se propõe a dar maior ênfase para a discussão política;

-E o Jornal da Cultura veiculado em uma emissora educativa, embora seja considerado informativo (REZENDE :1998), no período em que foi gravado para esta pesquisa, apresenta elementos que o aproxima do jornalismo interpretativo.

Além disso, ter como referencial para este estudo o *Jornal Nacional*, significa que independente de concordar ou não com a ideologia divulgada através dele, se reconhece a sua importância, não só enquanto o primeiro telejornal de abrangência nacional, mas também pela sua referência como ponto de encontro nacional.

Os principais conceitos envolvidos serão: linguagem; linguagem oral; jornalismo; telejornalismo.

Pretendemos estudar as especificidades da linguagem oral no telejornalismo brasileiro, tendo como objetivos centrais:

-Averiguar em que medida ocorreu no padrão de redação do telejornalismo brasileiro a importação e adaptação dos conceitos e valores de redação do telejornalismo norte-americano e como se desenvolveu esse processo.

-Observar em que medida as regras contidas no Manual de Redação da Rede Globo e em outros manuais são efetivamente seguidas pelo Jornal Nacional e também pelos outros dois telejornais envolvidos na pesquisa.

-Examinar se na linguagem oral utilizada no telejornalismo, mesmo considerando que existem regras básicas de redação, é possível detectar a presença de estilos diferenciados.

-Estudar e definir os padrões da linguagem escrita e da linguagem oral e a partir de então analisar como se dá a construção da linguagem escrita para ser falada no telejornalismo; verificar em que medida é aplicado o padrão da linguagem escrita e o padrão da linguagem oral.

**A pertinência desta pesquisa se dá na medida em que, a maioria dos trabalhos de análise de linguagem no jornalismo é voltada para o impresso. Além disso, a literatura sobre redação do telejornalismo, não considerando os manuais, é restrita e a maioria dos trabalhos encontrados foi escrita por lingüistas.**

Das regras à prática: o desenvolvimento da pesquisa

Para estudar o modelo de redação do jornalismo na televisão brasileira as unidades de pesquisas serão os telejornais e manuais de telejornalismo. A amostra será composta por seis edições de cada um dos telejornais, já gravadas no período compreendido entre 20 e 25 de novembro, e transcritas na íntegra.

Além da gravação e transcrição dos telejornais a pesquisadora irá realizar entrevista semi-estruturada com um repórter e um editor de cada um dos telejornais e com profissionais representativos do início do telejornalismo no Brasil.

Será feita a análise descritiva dos telejornais, utilizando tabela de freqüência, que posteriormente servirá para verificar em que medida as regras básicas estão sendo seguidas e posteriormente identificar este modelo de redação. Para tanto, iremos observar:

-Em que medida se aplica a seqüência sujeito + verbo + complemento. Já que para a melhor compreensão da mensagem a estrutura sintática direta é a mais adequada ao estilo coloquial.

-O tamanho dos parágrafos, ou seja, de quantas palavras e/ou linhas eles são compostos e de que forma eles são construídos, para verificar se a observação de que o importante é dar a notícia em poucas e escolhidas palavras está sendo seguida.

-A possibilidade de utilização de palavras e principalmente verbos que possam confundir o telespectador.

-Em que medida ocorre a repetição de palavras dentro do texto para se aproximar do coloquial espontâneo e também para reforçar a compreensão da notícia ou a sua substituição por pronomes anafóricos usados para substituir palavras e encurtar a frase.

-A colocação dos verbos no presente do indicativo ou o futuro composto em lugar do futuro do indicativo aproximar a linguagem do cotidiano;

-A utilização de marcadores fáticos que são usados para estabelecer um contato do emissor com o receptor; e de marcadores objetivos, (dêiticos), que demonstram que o repórter está no local, fazem referência ao contexto próprio da notícia.

-A ocorrência de adjetivos, metáforas e expressões de subjetividade na construção do texto;

-A utilização dos artigos – o, a, os, as – no início do texto, indispensáveis na televisão para que a mensagem não fique telegráfica.

-O emprego de expressões enfáticas, que dão ênfase a determinada frase.

-Se existe a ocorrência de gírias e expressões populares .

-Em que medida ocorre o uso do singular e do plural na contrução do texto.

Partimos do pressuposto de que no decorrer da análise surgirão outros critérios que serão categorizados, ou estes próprios podem ser reorganizados. Durante o desenvolvimento da pesquisa, pretendemos quantificar para fazer uma reflexão a partir dos dados colhidos. Acreditamos que a metodologia da pesquisa irá apontar conclusões ricas no decorrer da exposição.

**A linguagem oral do telejornalismo: primeiras considerações**

No que se refere a expressão oral, nos telejornais em questão o que se pode observar inicialmente, antes de uma pesquisa mais detalhada, é que eles têm uma formatação semelhante mas com estilos diferenciados.

Os próprios livros de telejornalismo (manuais) normalmente utilizados nos cursos de graduação em jornalismo trazem, invariavelmente, regras técnicas, entre elas as de redação, que constam fortemente explicitadas no Manual de Telejornalismo da Rede Globo. Para sistematizar o processo produtivo, esse ‘Manual’ foi supostamente adotado e seguido por todos, tanto nas escolas, como nas emissoras concorrentes, seguindo um padrão de linguagem do eixo Rio-São Paulo, que são as cidades onde estão instaladas as redações dos telejornais.

*“Na televisão, não dá pra voltar atrás e ler de novo ou ouvir de novo. É importante pois que o texto seja claro, direto, simples, enfim, tenha as virtudes da linguagem coloquial. O locutor*

*conversa com o telespectador."* Esta explicação consta na introdução do Manual de Telejornalismo da Rede Globo.

No entanto, é importante compreender que o telejornalismo se utiliza do discurso erístico, *"que é aquele citado por Platão no diálogo 'República' em que não há troca entre falante e ouvinte, não dá chance ao interlocutor de se manifestar. O falante ganha a discussão pela argumentação erística, isto é, se utilizando de jogos de palavras que deixam o ouvinte sem condições de responder."* (RIBEIRO, 1988 : 16). Portanto, a primeira consideração importante no nosso entender é que a manifestação da palavra falada no telejornalismo se dá sem diálogo, ou através de um falso diálogo.

O texto coloquial[ix] deve ser próximo da linguagem utilizada no cotidiano. Na opinião do lingüista Dino Preti, no que diz respeito ao texto escrito para ser falado na televisão, existem variações de redação como, por exemplo, entre os textos para o telejornalismo ou para programas educativos e mesmo para as telenovelas ou programas de auditório, resultando em um impasse: *"Ora se revela elaborado, segundo as convenções mais rígidas da gramática, aproximando-se da língua escrita, ora demonstra claramente sua intenção de aproximar-se da língua falada"* (PRETI,1992 : 234).

Também de acordo com este autor: *"o modelo que predomina na televisão brasileira, "procura-se nivelar os padrões em busca de uma linguagem comum, que possibilite uma compreensão natural, considerando-se as variedades geográficas ou sócio-culturais dos telespectadores"* (PRETI, 1992 : 232-3). Portanto podemos considerar que a expressão oral do telejornalismo se utiliza tanto do padrão da linguagem escrita baseado em normas gramaticais, como no padrão oral (coloquial) baseado na linguagem utilizada no cotidiano da população. PRETI (1992 : 234) ao se referir à expressão oral do telejornalismo, a considera *"uma linguagem falada culta mais tensa, própria das situações formais."*

Partimos conseqüentemente da premissa de que no telejornalismo pode-se notar a diferença entre o estilo escrito para ser lido pelo apresentador ou repórter e a naturalidade da fala da população, quando se observa os depoimentos dos entrevistados, como resultado do trabalho final de edição das reportagens, em que a fala do entrevistado é muitas vezes substituída pelo texto do repórter, em *off*.

Além disso, consideramos que também deverão ser detectadas diferenças no texto dos editores e dos repórteres, já que o trabalho de redação desses dois profissionais se dá em

condições diferenciadas. Muitas vezes o repórter escreve o texto na rua e o *off* já é enviado para a redação gravado, assim como a passagem que tem que ser gravada na rua. De acordo com RIBEIRO (1988 : 2) *"Ele se distancia e se aproxima da fala formal, segundo influências de ordem extralingüística tais como o tema da reportagem, local do acontecimento, pressões exercidas pelo momento político, censura, emissora (de acordo com sua posição política e seus interesses comerciais)"*.

Já os editores enquanto redigem as chamadas (cabeças) das matérias, ou as notas (simples e cobertas) lapada e escalada estão na redação e contam com mais tempo até para conversar entre si, conforme constata PEREIRA JR.(2000), a partir de sua pesquisa que analisou as rotinas de produção de um telejornal: *"enquanto redigem as páginas, muitas vezes, os editores trocam idéias entre si e com o editor chefe sobre a cabeça da matéria. Eles conversam sobre que palavra ficaria melhor na frase, que abertura dar para a notícia, entre outras. As sugestões são aceitas de bom grado"*.

Além do que, a relação do apresentador com o telespectador tem características especiais, como afirma SODRÉ (1984 : 60) *"Em razão da intimidade familiar inerente à linguagem do vídeo, a figura do apresentador ou do animador tem sido essencial à mensagem televisiva"*. Este autor explica que a enorme aceitação dos apresentadores por parte do público se dá pelo tom familiar e coloquial que os mesmos conseguem manter.

Consideramos que estudar a linguagem do telejornalismo, portanto, é fundamental para a compreensão das próprias mudanças operadas na sociedade, face a importância desse veículo na formação da opinião pública. *"É preciso entender, antes de mais nada, que as transformações lingüísticas não são fenômenos isolados na sociedade, mas sim o reflexo de uma situação social"* (PRETI, 1992 : 239).

A partir destas premissas pretendemos estudar a estrutura da linguagem oral do telejornalismo, como ela é organizada e quais são seus pressupostos básicos, com o objetivo de confirmar ou não as seguintes hipóteses:

-Os estudos iniciais indicam que a importação e adaptação dos conceitos e valores do jornalismo norte-americano, já detectadas no jornalismo impresso e no jornalismo eletrônico por diversos autores, também ocorreram, especificamente, no padrão de redação previsto nos manuais de telejornalismo no Brasil.

-As primeiras observações acenam que na prática as regras de redação organizadas, há quase vinte anos, atualmente, não são integralmente seguidas pelos telejornais, sendo possível detectar a presença de estilos diferenciados dentro da linguagem chamada "coloquial".

-Na construção da linguagem escrita para ser falada na televisão na divulgação dos fatos para a sociedade, seguramente, aplica-se tanto o padrão da linguagem escrita, como o padrão da linguagem oral, criando assim um padrão próprio que incorpora os dois anteriores.

-Tudo nos leva a crer que muitas das palavras utilizadas na redação da expressão oral no telejornalismo vêm carregadas de significados dentro do contexto de produção da notícia, reduzindo assim a objetividade apregoada pelos manuais como sua forte característica.

-É possível uma concepção de redação para o telejornalismo brasileiro que não se limite às regras técnicas codificadas nos manuais com origem no padrão norte-americano.

**Origem norte-americana?**

Estudos anteriores demonstram que a origem do modelo de telejornalismo produzido no Brasil é norte-americana. A análise de depoimentos, além de levantamento bibliográfico feito nos Estados Unidos, como afirma SQUIRRA (1993 : 171), *"parece suficiente para indicar o conceito de que o padrão adotado no Brasil é, realmente, o norte-americano"*.

De acordo com Rezende (1997 : 3), a fonte de inspiração para o modelo que atribui às imagens o lugar de comando no telejornalismo é o manual da Rede Globo de Televisão, *"que por sua vez se espelha nas normas do 'Television News', receituário do telejornalismo norte-americano que a TV brasileira, de um modo geral, adaptou à nossa realidade"*.

Existem fortes indícios de que o padrão de redação tenha essa mesma influência, pois no livro editado pela própria Rede Globo, no qual estão descritos os 15 primeiros anos de história do *Jornal Nacional* é admitido que: *"em 1975, por exemplo, essas normas achavam-se já compendiadas em um pequeno manual, baseado em uma publicação americana e adaptado à fala brasileira, com todas as suas muitas peculiaridades e exigências"* (Mello e Souza, 1985 : 153).

**Linguagem oral x imagem**

Inicialmente, antes de entrarmos nas considerações sobre a importância do verbal e da imagem no telejornalismo, avaliamos que é importante explicitar quais são os elementos que compõem a linguagem da televisão. REZENDE (1998 : 42) cita Umberto Eco para definir a linguagem televisiva como o resultado da combinação de três códigos: o icônico, o lingüístico e o sonoro. O código icônico reporta-se à percepção visual. O código lingüístico, refere-se à língua que se fala e se escreve, abrange uma ampla variedade de palavras e combinações de palavras (frases). O código sonoro são relativos à música e aos efeitos sonoros, os signos se manifestam também isolados ou como parte de uma montagem. Podem ser os sons que denotam a si mesmos (uma vinheta sonora) e os que reproduzem ruídos da realidade (um latido, um disparo de arma,etc.)

No telejornalismo, há muito se trava a discussão sobre a predominância da imagem ou da linguagem oral na produção e veiculação da notícia. O próprio Manual de Telejornalismo da Rede Globo (1988) inicia a sua introdução com a seguinte afirmação: *"A palavra é tão importante na televisão quanto no jornal."* Mas, no mesmo texto adverte: *"Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual."*

Atualmente, a discussão sobre o lugar da palavra na codificação da notícia para a televisão, questiona aquela corrente defensora da idéia de que o telejornalismo é antes e acima de tudo imagem; *"o depoimento de muitos autores e a observação de telejornais mostram que a palavra é um elemento indispensável e em alguns casos até mais importante do que a imagem"* (REZENDE, 1997:1).

Entendemos que a importância da palavra e da imagem é equivalente. No telejornalismo é o casamento das duas que vai levar ao telespectador a mensagem completa. Isso não quer dizer que não se deve dar a notícia se não tiver imagem – a notícia é sempre o mais importante – mas o ideal na televisão é que se busque também a imagem, pois este é o seu diferencial.

Segundo RIBEIRO, (1988 : 34) *"A fala deve dar apoio à imagem sem competições entre elas. Não deve ser redundante, pois não se diz o que está sendo visto. Muitas vezes o texto em tevê pode diminuir ou aumentar o impacto produzido pelas imagens. Também pode valorizar uma cena."*

É importante salientar que nem mesmo as transformações causadas pelas novas tecnologias, nos meios de comunicação, são capazes de causar mudanças significativas na forma

de apresentação das notícias na televisão. Nada justifica o sacrifício de uma notícia importante por não dispôr de uma boa imagem, portanto, a expressão oral se mantém viva e detentora de forte influência na comunicação com a sociedade.

**Linguagem falada x linguagem escrita**

A linguagem escrita e a linguagem oral possuem características próprias que as diferenciam, já traçadas e analisadas por diversos estudiosos da lingüística. De acordo com FRAGA ROCCO (1988 : 26) *"A partir do oral, processo simbólico de primeiro grau, erige-se a escrita, configurando-se em um simbolismo de segundo grau. No entanto, mesmo dependendo do oral para dar razão à sua existência, a escrita contrói-se sobre especificidades próprias; possui uma gramática própria, distinta da gramática oral (ainda que oral e escrita se interpenetrem freqüentes vezes)"*

Para se escrever um texto é preciso um planejamento cuidadosamente elaborado, observando-se todas as imposições normativas da gramática. É necessário ter em mente que há no leitor de um texto a expectativa para a linguagem escrita, com sua organização característica, ainda que sobre ela incidam as mais variadas influências da língua falada, como ocorre nos jornais e em livros de literatura.

A fala do cotidiano, por sua vez, permite uma liberdade na utilização de códigos que transmitem as informações. É possível repetir quando necessário; interromper frases, usar variações entonacionais, mudar o ritmo da fala, gesticular para reforçar a expressão do pensamento, etc. *"Na fala apenas produzimos uma idéia por vez; além disso cada unidade de idéia tende a ser, na fala, menos longa e menos complexa do que na escrita"* (RODRIGUES, 1995 : 21).

Ainda sobre a linguagem oral FRAGA ROCCO (1988 : 27) explica que: *"O oral realiza-se em menos tempo e mostra-se mais fragmentado que a escrita, visto não sofrer os processos de reedição da escrita."*

Os meios de comunicação de massa tentam hoje uma aproximação entre a linguagem falada e a escrita e, por isso, a imprensa, o rádio, a tevê e o cinema servem-se quase sempre, de uma norma comum, intermediária que satisfaz ao receptor, aproximando-se de sua linguagem

falada e que por outro lado, não choca as tradições escritas, com obediência à ortografia oficial, etc.

Podemos verificar que, mesmo a veiculação sendo de caráter oral, o processo de construção da notícia na televisão apresenta características bivalentes, tendendo muitas vezes para um tipo de estruturação do texto típica da escrita. Partindo dessas características iniciais da escrita e do oral, uma das questões colocadas para nós é verificar, na prática, como se caracteriza o texto dos telejornais.

**Considerações Finais**

Sons, gestos, imagens e diversos imprevistos cercam a vida do homem moderno, compondo mensagens de toda ordem, transmitidas pelos mais diferentes meios de comunicação. Em todos os canais a língua desempenha um papel preponderante, seja em sua forma oral, seja através de seu código substitutivo escrito. No caso da televisão, acreditamos que a linguagem verbal é a base da linguagem.

Para o jornalismo o mais importante é transmitir a notícia com ou sem imagem. Mas, no telejornalismo, a transmissão da notícia se dá através da linguagem verbal e da imagem dos fatos. Não se pretende nesta pesquisa aprofundar a discussão sobre a prevalência de uma ou outra.

Nosso objetivo central como já foi colocado é analisar uma delas, no caso a linguagem verbal apresentada no telejornalismo através da expressão oral que deve se aproximar da linguagem coloquial utilizada no cotidiano da população.

A partir disso, a contribuição que pretendemos dar ao estudo do telejornalismo brasileiro, como já afirmamos no início deste trabalho, é identificar o modelo que existe na redação dos telejornais e as possibilidades de variáveis existentes, como ele é organizado e quais são seus pressupostos básicos.

**Bibliografia:**

ARNT, Ricardo. A desordem do mundo e a ordem do jornal, in NOVAES, Adauto (org.), *Rede Imaginária: Televisão e Democracia.* São Paulo:

Cia.das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p.170-8.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso-História e Literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

FRAGA ROCCO, Maria Thereza. *Gramática de Persuasão: uma característica da linguagem verbal veiculada por segmentos da televisão brasileira.* Tese de Livre docência apresentada a FEUSP - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1989.

_____. As palavras na TV: um exercício autoritário? In NOVAES, Adauto (org.). *Rede Imaginária: Televisão e Democracia.* São Paulo: Cia. Das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 240-56

MELLO E SOUZA, Cláudio. 15 anos de história. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.

NEPOMUCENO, Eric. *A construção da notícia*, in NOVAES, Adauto (org.), Rede Imaginária: Televisão e Democracia, São Paulo: Cia.das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p.205-12.

PATERNOSTRO, Vera IRIS. *O texto na TV: Manual de Telejornalismo*, 6. ed., São Paulo: Campus, 1999.

PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia.* Porto Alegre : EDIPUCRS, 2000.

PRADO, Flávio. *Ponto Eletrônico: Dicas para fazer telejornalismo com qualidade.* São Paulo: Publischer Brasil, 1996.

PRETI, Dino. A linguagem da TV: O impasse entre o falado e o escrito, in NOVAES, Adauto (org.), *Rede Imaginária: Televisão e Democracia.* São Paulo: Cia. Das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 232-9.

_____. A língua falada e o diálogo literário, in PRETI, Dino (org.), *Análises de Textos Orais.* São Paulo: FFLCH/USP, 1995, p. 215-228.

_____. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: A língua e as transformações sociais, in PRETI, Dino (org.), *O discurso oral culto.* São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997, p. 17-27.

_____. Sociolingüística – *Os níveis da fala: Um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*. 8. ed., São Paulo : EDUSP, 1997.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. *Manual de Redação da Central Globo de telejornalismo.* Rio de Janeiro: Rede Globo, 1988.

REZENDE, Guilherme Jorge. *Perfil editorial do telejornalismo brasileiro.* Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP, São Bernardo do Campo, 1998.

RIBEIRO, Sonia Maria. *A linguagem coloquial no telejornalismo: marcas e variações.* Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1988.

RODRIGUES, Ângela C. Sousa. Língua falada e língua escrita, in PRETI, Dino (org.), *Análises de Textos Orais.* São Paulo: FFLCH/USP, 1995, p. 13-32.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala*, 6. ed., Petrópolis: Vozes, 1984.

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender Telejornalismo - Produção e Técnica.* São Paulo: Brasiliense, 1990.